



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
CURSO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA OU CLÁSSICA

**LUIZA BARBOSA DE SÁ**

**DA PERSPECTIVA DO EXILADO:  
O REGIME NAZIFASCISTA ALEMÃO ATRAVÉS DE TRÊS POEMAS DE  
BERTOLT BRECHT**

Salvador

2023

**LUIZA BARBOSA DE SÁ**

**DA PERSPECTIVA DO EXILADO:  
O REGIME NAZIFASCISTA ALEMÃO ATRAVÉS DE TRÊS POEMAS DE  
BERTOLT BRECHT**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Monografia apresentado ao curso de Língua Estrangeira Moderna – Alemão da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Letras.

Orientadora: Jael Glauce Fonseca

Coorientadora: Thereza de Jesus Santos Junqueira.

Salvador

2023

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Zenilda, e ao meu pai, Miguel, por me ensinarem tudo que sei e terem me dado asas para voar;

Ao meu irmão, Pedro, por ser meu primeiro amigo, meu parceiro de lanches de madrugada e pelos vídeos de bichinhos;

À minha orientadora, professora Jael, por prontamente se dispor a me ajudar, aconselhar e orientar;

À minha coorientadora, professora Thereza, por acreditar em mim e partilhar a admiração por Brecht;

Aos meus amigos de Santos, pelos encontros e risadas semestrais e por estarem ao meu lado apesar da distância;

Aos meus amigos de Salvador, por terem transformado essa cidade em um lar;

À minha companheira de casa, Sarah, pelas maratonas de séries, pizzas, brigadeiros e pela parceria diária;

À minha amiga, revisora e primeira leitora, Maria, por todo o apoio em minha trajetória acadêmica e pessoal.

*Somos filhos da época  
e a época é política  
(Wisława Szymborska)*

## RESUMO

A presente monografia tem como objetivo observar o processo histórico-social do regime nazista na Alemanha sob a perspectiva de um poeta exilado por meio de três poemas selecionados: *Im zweiten Jahr meiner Flucht* (No segundo ano da minha fuga), *Die Bücherverbrennung* (A queima de livros) e *Über die Bezeichnung Emigranten* (Sobre a designação emigrante) do consagrado poeta alemão Bertolt Brecht através de uma revisão bibliográfica. Apresenta uma breve biografia do autor, conceitua a Literatura de exílio na qual os poemas se inserem, além de localizar os textos historicamente por meio de uma contextualização do que estava ocorrendo na Alemanha. O trabalho também analisa os três poemas por seu conteúdo, relacionando-os com o contexto histórico e a vida do próprio autor.

Palavras-chave: Bertolt Brecht, Literatura de Exílio, II Guerra Mundial, Literatura alemã

## ABSTRACT

This monograph aims to observe the social-historical process of the Nazi regime in Germany from the perspective of an exiled poet using three selected poems: *Im zweiten Jahr meiner Flucht* (In the second year of my escape), *Die Bücherverbrennung* (The burning of books) and *Über die Bezeichnung Emigranten* (About the designation emigrant) of the consecrated German poet Bertolt Brecht through a bibliographical research. It presents a brief biography of the author, conceptualizes the Exile Literature in which the poems are inserted, as well as locates the texts historically through a contextualization of what was happening in Germany. The work also analyzes the three poems for their content, relating them to the historical context and the author's own life.

Key words: Bertolt Brecht, Exile Literature, II World War, German literature

## **SUMÁRIO**

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>O POBRE B.B</b>	<b>10</b>
2.1	Sobre Brecht	10
2.2	Literatura de Exílio	13
<b>3</b>	<b>OS VERSOS DO EXÍLIO</b>	<b>17</b>
3.1	No segundo ano de minha fuga	18
3.2	A queima de livros	23
3.3	Sobre a designação de emigrantes	28
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>32</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

Bertolt Brecht é considerado um dos maiores autores de língua alemã do séc. XX e sua vasta produção perpassa inúmeros gêneros literários como conto, poema e, provavelmente, seu trabalho mais relevante, o teatro. Entre 1933 e 1947 suas obras foram produzidas dentro de um contexto de exílio no qual o autor opta se inserir após o incêndio do *Reichstag* em Berlim, que marca a intensificação da perseguição judaica e intelectual por parte dos nazistas. E é nesse período que sua obra, assim como a de todos os outros autores exilados, começa a fazer parte da chamada Literatura de exílio, e passa a ter, quase exclusivamente, as condições de exílio como plano de fundo.

Apesar do período nazista alemão já ter sido amplamente explorado por teóricos e pesquisadores das mais diversas áreas, acreditamos que ainda seja relevante tratarmos desse tema a partir de diferentes perspectivas – a selecionada aqui, é a da visão de um artista que assistiu colegas, amigos e a si próprio serem obrigados a deixar sua pátria, perderem seu título de cidadão alemão e se reestabelecerem em um novo país em meio a uma guerra. Em uma conversa com Walter Benjamin, Brecht resume em uma frase tudo o que esse período o tirou: “Eles também me proletarizaram. Não me tiraram apenas minha casa, meu lago de peixes e meu automóvel, como também roubaram meu palco e meu público.”.

Dessa forma, a presente monografia propõe a observação do processo histórico-social do regime nazista na Alemanha sob a perspectiva de um poeta exilado através da análise dos poemas selecionados: “Im zweiten Jahr meinen Flucht” (1935), “Über die Bezeichnung Emigranten” (1937) e “Die Bücherverbrennung” (1938) de Bertolt Brecht. Para isso, realizaremos a apresentação de Bertolt Brecht e sua trajetória enquanto artista; definiremos o conceito de Literatura de exílio no qual os poemas se encontram; contextualizaremos o Terceiro Reich e as consequências desse período para a população alemã, em especial a classe artística; inseriremos os poemas selecionados no contexto histórico-social de suas produções e analisaremos os poemas “Im zweiten Jahr meinen Flucht”, “Über die Bezeichnung Emigranten” e “Die Bücherverbrennung” dentro de seus respectivos contextos.

Apesar de textos como “Über die Bezeichnung Emigranten” terem este plano de fundo extremamente delimitado, ainda é possível reinterpretá-los e relacioná-los



diretamente com acontecimentos da atualidade. A emigração forçada, a fuga de sua pátria, são temáticas recorrentes na humanidade, um exemplo palpável e de certa forma atual, são as circunstâncias dos emigrantes sírios que deixaram a Síria devido à decorrente guerra no país. Logo, é possível afirmar que a obra de Brecht interpola o tempo e se coloca em relação não só com o seu presente, como também com o nosso.

A relevância desse projeto é trazer três poemas de um período da história mundial amplamente conhecido pela visão daquele que o vivenciou e o sentiu. E que apesar disso, ainda podem, assim como toda a obra de Brecht, ser relidos e reinterpretados para a atualidade. Parafraseando Agamben, jamais iremos voltar ao presente de Brecht, onde nunca estivemos, mas a atemporalidade ao mesmo tempo temporal de seu texto, é o que torna sua leitura tão relevante.

A partir de uma revisão bibliográfica, foram levantadas referências principais para cada objetivo da pesquisa. Para fins de organização, a primeira parte da monografia consiste em contextualização do autor, do período histórico e da Literatura de Exílio na qual os poemas se inserem; para a apresentação da biografia de Bertolt Brecht, o livro *Brecht: Vida e Obra* de Fernando Peixoto será a principal fonte bibliográfica; no tocante do período histórico-social da produção dos poemas, ou seja, a ascensão e permanência do nazifascismo alemão, o arcabouço teórico será os o livro *A chegada do Terceiro Reich* do historiador Richard J. Evans; para a apresentação e definição da *Literatura de Exílio*, será utilizada a obra da professora Izabela Kestler.

A segunda parte da pesquisa abarca a análise individual dos poemas “Im zweiten Jahr meinen Flucht”, “Über die Bezeichnung Emigranten”, “Die Bücherverbrennung” cuja edição selecionada é a do livro *Poesia* de curadoria e organização de André Vallias.

## 2 O POBRE B.B

Eu, Bertolt Brecht, venho das florestas negras.  
 Minha mãe me trouxe para as cidades quando  
 Eu estava no seu ventre. E o frio das florestas  
 Vai ficar, até minha morte, me acompanhando.<sup>1</sup>  
 (BERTOLT BRECHT)

### 2.1 Sobre Brecht

Em 10 de fevereiro de 1898, na pequena cidade de Augsburg, na Baviera, nascia Eugen Friedrich Berthold Brecht. Apesar do longo nome de batismo, Bertolt Brecht optou por utilizar apenas os dois últimos — com uma alteração em seu primeiro nome — durante toda sua carreira artística. Ainda que tenha nascido em um bairro operário, o poeta era filho de Berthold Brecht, funcionário e, posteriormente, diretor de uma fábrica de papel e de Sophie Brezing, filha de um funcionário de alto escalão na região da Floresta Negra, estando assim dentro de “uma boa casa burguesa”, como dito por Frederic Ewen (1969, p. 55, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Sua vida artística inicia-se oficialmente em 1914 quando, aos 15 anos, Brecht publica numa revista de sua escola seu primeiro texto teatral intitulado A Bíblia e, aos 16, “começa a publicar narrações curtas e alguns poemas no [jornal] Augsburger Neuesten Nachrichten.” (PEIXOTO, 1974, p. 20). Entre seus trabalhos iniciais podemos citar o conto “Guerra dos Balcãs” e os poemas “O Canto belga” e “A Lenda Moderna”. Para além de poeta e contista, nessa época Brecht era também estudante de medicina e, com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi convocado para trabalhar em um hospital militar em Augsburg.

Embora tenha visto de perto os horrores da Grande Guerra, foi a partir desse trágico contexto que “o verdadeiro poeta nasceu” (EWEN, 1969, p. 61, tradução nossa)<sup>3</sup>. Por conta do período trabalhando no hospital, Brecht entrou em contato com os que seriam os principais temas de sua produção artística subsequente: guerra e revolução (PEIXOTO, 1974, p. 26), e é com base nessas temáticas que o autor escreve o seu primeiro grande poema, que lhe rende uma colocação na lista

---

<sup>1</sup>Ich, Bertolt Brecht, bin aus den schwarzen Wäldern./ Meine Mutter trug mich in die Städte hinein/ Als ich in ihrem Leibe lag. Und die Kälte der Wälder/ Wird in mir bis zu meinem Absterben sein. BRECHT, Bertolt. Von armen B.B. In: \_\_\_\_\_. Poesia. Tradução: André Vallias. São Paulo: Perspectiva, 2019.

<sup>2</sup>“The household was a good bourgeois one.”, como dito por Ewen (1969, p. 55, tradução nossa).

<sup>3</sup>“The true poet was born.” (EWEN, 1969, p. 61, tradução nossa).

de autores proibidos de Hitler, “A lenda do soldado morto”.

Após a guerra, B.B<sup>4</sup>. retoma seus estudos de medicina na Universidade Ludwig Maximilian de Munique, porém percebe que o curso não é mais de seu interesse e muda para a área de ciências e, em seguida, para a de literatura. (PEIXOTO, 1974, p. 28).

Em 1918, B.B começa a escrever críticas dramáticas para jornais de sua cidade natal, entretanto, a perda de sua mãe em 1920, resulta no fim de seus laços com Augsburg e o autor decide se mudar definitivamente para Munique, cidade para onde havia feito diversas visitas.

Ainda em 1918, o jovem poeta procura o romancista Lion Feuchtwanger para lhe entregar o manuscrito de uma peça intitulada *Spartakus* e comenta que a havia escrito apenas com o intuito de ganhar dinheiro. Intrigado, Feuchtwanger entra em contato com Brecht, e o jovem lhe promete que ainda tinha mais uma peça para ser mostrada, com o título de *Baal*, que seria encenada pela primeira vez apenas em 1923 em Leipzig.

Brecht então inicia sua vida enquanto dramaturgo, e mais tarde, ao entrar em contato com os estudos marxistas, começa a trabalhar em sua teoria do *Teatro Épico*, que será desenvolvida durante quase toda sua vida e é uma de suas maiores contribuições para os estudos de teatro. Apesar de suas peças serem, provavelmente, as obras mais conhecidas de seu arsenal, neste trabalho nos debruçamos apenas sobre sua composição poética, pois além de exímio dramaturgo, Brecht teve grande repercussão com seus poemas e “antes de completar trinta anos, já o reconheciam como um grande poeta” (KONDER, 1996). Jan Knopf (2001, p.1) inclusive afirma que o séc. XX praticamente não conheceu nenhum poeta que se comparasse a ele.

O poeta publicou cerca de 2.300 poemas, “mas não apenas o número de poemas é surpreendente, mas também a variedade quase única. B.[B.] escreveu sobre quase tudo e em quase todas as formas poéticas concebíveis.” (KNOPF, 2001, p. 2, tradução nossa)<sup>5</sup> como versos shakespearianos, baladas, sonetos, canções políticas e de marcha. Essa variedade faz com que seja impossível fazer

---

<sup>4</sup> Em alguns momentos iremos usar B.B para abreviar o nome de Brecht, pois essa era a forma que ele próprio usava para assinar alguns de seus textos e cartas.

<sup>5</sup> “Doch nicht nur die Zahl der Gedichte ist erstaunlich, hinzu kommt die beinahe einzigartige Vielfalt. B. schrieb über nahezu alles und in nahezu jeder denkbaren poetischen Form.”

afirmações generalistas sobre a obra poética de B.B.

Brecht compôs sobre alguns temas principais, entre eles as grandes cidades e urbanidade (KONDER, 1996). Sobre os dois últimos temas, Walter Benjamin diz: “Brecht é, talvez, o primeiro grande poeta que tem algo a dizer a respeito do homem urbano.” (BENJAMIN, 1966, apud KONDER, 1996). Entretanto, os poemas que aqui serão abordados têm como temática geral o que provavelmente é o grande tema da vida de Brecht: a guerra, que hoje são recepcionados não apenas como poesia, mas também como documentos históricos. (KNOPF, 2001, p. 2) Trataremos especialmente das obras produzidas durante seu exílio no período entre guerras e durante a II Guerra Mundial.

Entende-se como exílio o período de expatriação forçada ou por livre escolha, como definido pelo *Dicionário Oxford*. Neste trabalho, quando falarmos de exílio estaremos falando especificamente daquele realizado por conta do regime nazista que se instaurou na Alemanha a partir de 1933.

O êxodo em massa de escritores, intelectuais de vários matizes políticos, artistas, cientistas, sindicalistas, políticos de quase todos os espectros (em primeiro lugar comunistas e sociais-democratas) e, com o correr dos anos, da minoria mais ameaçada (judeus alemães). (KESTLER, 2005, p.116)

Ao todo, foram cerca de 500.000 pessoas exiladas, desse total, cerca de 2.000 exerciam algum tipo de atividade literária, assim como Bertolt Brecht.

Nesse período de exílio B.B. produziu muito, tanto textos dramáticos como poesias. Ewen (1969, p. 295) relata sobre a dificuldade de um escritor em viver em exílio, pois diferentemente de outros artistas, o trabalho do poeta está totalmente ligado à sua língua, como seria possível escrever quando seu público estava em um país onde você não pode estar? Seus poemas retratam muito dos seus sentimentos da época, e de seu ódio contra o partido nazista. A maior parte não é publicada de imediato, mas conseguem entrar, clandestinamente, em território alemão. (PEIXOTO, 1974, p. 146).

Apesar disso, Ewen (1969) defende que foi nessa fase que Brecht escreveu seus melhores e mais maduros trabalhos, estão entre eles as peças *A Vida de Galileu*, *Mãe Coragem e Seus Filhos* e *A Alma Boa de Se-Tsuan*. Sendo *Mãe Coragem* a obra que o consagrou mundialmente como artista.

Entre esses trabalhos mais maduros, estão os três poemas que serão

analisados durante este trabalho cuja produção se deu ao longo dos sete anos de residência do poeta e de sua família na cidade de Svendborg, localizada na ilha de Fünen, na Dinamarca. O local satisfez Brecht, pois cumpria seu desejo de manter-se próximo às fronteiras alemãs. Em território dinamarques, ele escreveu diversas peças,

[...] inúmeros poemas (os mais importantes reunidos em *Poemas de Svendborg*), artigos sobre arte e política. Consegue editar algumas obras e fazer representar outras. Interroga os exilados, participa de reuniões com intelectuais e perseguidos. Trabalha, com [sua esposa] Helene Weigel, com grupos dramáticos, amadores e profissionais. (PEIXOTO, 1974, p. 156)

A coletânea *Svendborger Gedichte (Poemas de Svendborg)*, publicada em 1939, que conta com poemas escritos entre 1933 e seu ano de publicação (KNOPF, 2001, p. 325), divide-se em seis partes, e apesar de seus poemas variarem em tom, eu-lírico e estilo, o tema comum em todos eles é o nazismo e a luta contra ele. Fernando Peixoto (1974, p. 216) define o conteúdo do livro como: “poemas que provocam reflexão e também emoção, sensíveis e inteligentes, coerentes e fascinantes pelo vigor poético, pela exatidão das palavras, pelo movimento que encerram.”

## 2.2 Literatura de Exílio

Toda essa produção do período de exílio, tanto de Brecht quanto de seus colegas, constitui o que se chama de Literatura de Exílio, que apesar do nome específico, não há um consenso entre pesquisadores se ela tem ou não características definidoras, ou se trata-se apenas da produção literária durante o período de exílio. (KESTLER, 2005, p. 121).

A primeira fase do exílio, de 1933 a 1938, é denominada “exílio na sala de espera”

Ou seja, os exilados em sua maioria se refugiavam nos países próximos à Alemanha aguardando a queda do regime nazista. Os principais países de asilo desta fase são: França, Tchecoslováquia, Áustria, Suíça, Holanda, União Soviética e Inglaterra. (KESTLER, 2005, p. 119)

Nesses primeiros anos, houve uma grande organização literária por parte dos escritores que criaram revistas literárias como a *Die Sammlung* na Holanda, *Mass*

*und Wert* na Suíça e a *Weltbühne* na República Tcheca. Essas revistas permitiam que esses autores exilados continuassem a publicar seus trabalhos em língua alemã, mesmo fora da Alemanha, e esses trabalhos continham um viés cada vez mais político. Entretanto, muitas delas não sobreviveram por muito tempo, seja pela descrença desses exilados em uma longa permanência do regime nacional-socialista, seja por conflitos internos pelos quais essas pessoas passavam (RITCHIE, 1983, p. 190-191). Para além disso, havia uma forte pressão da Alemanha nos países vizinhos para que dificultassem o estabelecimento desses exilados em suas terras, assim como ameaças de quebras de acordos econômicos caso os países se recusassem a ceder a essa pressão (RITCHIE, 1983, p. 213). O que fez com que o pessimismo tomasse conta dos refugiados. De todo caso, as revistas não teriam muito futuro, visto que em 1938 a Áustria foi anexada a Alemanha nazista e os exilados tiveram que sair não apenas da Áustria, como de países vizinhos, temendo uma nova expansão.

Em setembro de 1939, os temores de todos foram comprovados com o início da II Guerra Mundial, marcada pela invasão da Polônia e conseqüentemente a de outros países próximos à fronteira alemã: Holanda, Bélgica, Luxemburgo e França. Estabeleceu-se, então, a segunda fase do exílio, a fase da fuga, onde os exilados precisavam buscar novas alternativas para sua instalação (KESTLER, 2005). Neste momento, não havia mais o otimismo em relação ao final da permanência de Hitler no poder.

Países europeus que antes mostravam-se abertos a acolher os cidadãos alemães agora criavam barreiras. A Rússia passou a restringir a entrada de pessoas com passados políticos, além de começar a deportar muitos alemães; a Suíça e a Suécia implementaram legislações que impediam imigração (RITCHIE, 1983, p. 225). Era a hora dos exilados partirem para outros continentes, iniciando-se então a última fase do exílio, a ultramarina (KESTLER, 2005, p. 120).

Durante esse período foi extremamente difícil manter uma organização literária como aquela feita entre os anos de 1933 e 1935, pois agora os escritores estavam cada vez mais dispersos pelo globo. Por conta disso, muitos pararam de escrever ou ao menos, de tentar publicar suas produções, fazendo com que muito do que foi escrito nesse período viesse à tona apenas depois de 1945.

A grande maioria deles dirigiu-se para os Estados Unidos, os que conseguiram manter-se na Europa foram para o Reino Unido, porém, nenhum

desses países foi um terreno fértil para o desenvolvimento de uma cultura germânica, apesar do crescente número da população alemã. Essa dificuldade de reconectar-se com sua cultura era um dos temas recorrentes na Literatura de Exílio, assim como

As condições de vida no exílio, o isolamento, o empobrecimento e também a necessidade de resistir e de continuar lutando pela restauração democrática na Alemanha, e a partir de 1938 na Áustria [...] (KESTLER, 2005, p. 124)

Uma parte considerável das publicações desse período são de romances, pois eram mais facilmente traduzidos e não dependiam totalmente de um público familiarizado com determinada cultura. Romance histórico estava entre os gêneros mais populares dessa literatura, todavia

Muitos escritores emigrantes estavam cientes do quão difícil era para eles escrever sobre uma Alemanha que não podiam mais ver ou experienciar. Alguns autores foram forçados a confiar naquilo que liam ou ouviam sobre a nova Alemanha (RITCHIE, 1983, p. 215, tradução nossa)<sup>6</sup>

Essa escolha pelo romance devido ao contexto vivido, além de todas as influências de temáticas que o exílio teve na produção dos escritores dessa época, mostram como, nas palavras de Sidney Chalhoub (2021, p. 288), “a história pulsa na literatura: não existe uma relação de exterioridade entre uma coisa e outra, e muitos aspectos sociais podem ser investigados por meio da análise de obras ficcionais.”.

O contexto histórico está sempre, intrinsecamente, conectado ao que é produzido em qualquer época, e ele afeta não apenas os temas sobre os quais se escrevem, mas também a forma do que se escreve. Por exemplo, dentro da Literatura de Exílio, poucas peças teatrais estavam sendo produzidas e encenadas na época, pois os autores exilados estavam distanciados não apenas de seu público, como também de seus atores, suas companhias de teatro... Brecht nunca parou de produzir peças, mas muitas ou foram montadas apenas após o fim da guerra, ou foram encenadas para um público que não era o que já estava habituado com suas obras.

O trabalho presente visa não apenas trazer o contexto da produção dos

---

<sup>6</sup> “Many émigre writers were aware of how difficult it was for them to write about a Germany they could no longer see and experience. Some authors were forced to rely on what they had read or heard about the new Germany”

poemas selecionados, como também estabelecer essa relação inerente entre história e literatura, bebendo, de certa forma, da fonte da História Cultural que estuda os “mecanismos de produção dos objetos culturais” (DUBY apud BORGES, 2010, p. 94), dentre eles, os textos literários.



### 3 OS VERSOS DO EXÍLIO

Hitler, o pintor de paredes  
Jamais estudou nada além de tinta.  
Quando o deixaram mostrar seu talento  
A nossa Alemanha ele pinta  
Numa cor marrom indistinta.<sup>7</sup>  
(BERTOLT BRECHT)

O fracasso da República de Weimar, a crise econômica, a Grande Depressão e o insatisfatório Tratado de Versalhes abriram portas para o fortalecimento de um antissemitismo já existente em território alemão, resultando em sua organização política com a criação do partido nazista, em 1920, sua trajetória de ascensão dentro do Parlamento alemão e sua consequente tomada do poder, em 1933.

Apesar de sua oratória envolvente, o futuro ditador do Terceiro Reich, Adolf Hitler, ou como Brecht o chamava em seus poemas “o pintor de paredes”, “foi tanto produto das circunstâncias quanto de qualquer outro fator” (EVANS, 2016, p. 215), visto que ele não tinha qualquer destaque no partido em seu momento de criação. Sua empolgação com o começo de uma Guerra Mundial em 1914, o fez alistar-se voluntariamente para o exército alemão, apesar de ter nacionalidade austríaca. Entretanto, essa euforia logo transformou-se em decepção quando a Alemanha foi derrotada no fim da Guerra. Hitler, assim como tantos outros alemães que já carregavam consigo os ideais pangermânicos de George Ritter von Schönerer<sup>8</sup>, encontrou nos judeus a culpa pelo fracasso na guerra, o que cultivou ainda mais seu antissemitismo.

Enquanto ainda era cabo do exército começou a frequentar cursos de doutrinação político em 1919, que mais tarde o lançariam em carreira política de ascensão tão acelerada que, logo em 1921, Hitler já era o dirigente do Partido Nazista (EVANS, 2016).

---

<sup>7</sup> Der Anstreicher Hitler/ Hatte bis auf Farbe nichts studiert/ Und als man ihn nun eben ranließ/ Da hat er alles angeschmiert./ Ganz Deutschland hat er angeschmiert. BRECHT, Bertolt. Das Lied von Anstreicher Hitler. In: \_\_\_\_\_. Poesia. Tradução: André Vallias. São Paulo: Perspectiva, 2019.

<sup>8</sup> George Ritter von Schönerer era um austríaco cujo pai havia recebido título de nobreza do imperador de Habsburg — que havia se estruturado na Áustria e na Hungria — por conta disso, ele fazia parte da administração central de Viena. Schönerer considerava tanto os húngaros quanto às outras nacionalidades integrantes da monarquia de Habsburgo um empecilho para o progresso germânico e acreditava que esse progresso viria com a união ao Reich alemão. Com o tempo, Schönerer tornou-se também um antissemitista e passou a divulgar seus ideais pangermânicos (pregação da superioridade germânica) e a publicamente atacar a comunidade judaica. (EVANS, 2016)

Os nacional-socialistas prosseguiram então a organizar-se internamente, definindo lideranças regionais e trabalhando sua propaganda em diversos setores da população, em especial os distritos rurais (EVANS, 2016, p. 269). Em 1928, mesmo com atitudes e discurso violento, o partido já contava com 150 mil filiados, ganhando cada vez mais respeito dentro da política alemã e conquistando até mesmo as elites.

Em janeiro de 1933, Adolf Hitler é nomeado chanceler, e no mesmo mês, o Parlamento é dissolvido. Na noite do dia 27 para o 28 de fevereiro, o *Reichstag* é incendiado e, “nesta mesma noite tem início a perseguição, o terror e o aprisionamento de escritores e intelectuais de esquerda, assim como de opositoristas ao regime.” (KESTLER, 2005, p. 118). O incêndio é o estopim para a emigração em massa de intelectuais e artistas da oposição.

Peixoto (1974) sintetiza a situação desses escritores que conseguiram fugir:

Os escritores se encontram no exílio. Muitos não regressarão mais à Alemanha: uns se suicidam [...], outros morrem em países estrangeiros, alguns assassinados, outros exterminados em campos de concentração. Outros resistem e permanecem fiéis a ideias de justiça e liberdade, como Brecht, dedicando toda sua obra ao ataque do nazismo (p. 145)

E Ewen (1969) fala sobre aqueles que não quiseram ou não puderam fugir: “Nos dias depois de fevereiro de 1933, aqueles que ficaram na Alemanha sob o governo de Hitler [...] foram vítimas de tortura, aprisionamento, e finalmente, homicídio.” (p. 291, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Bertolt Brecht, como mencionado por Fernando Peixoto (1974), estava no grupo dos que conseguiram sair a tempo, e ainda teve o privilégio de levar sua família consigo: sua esposa, atriz e protagonista de muitas de suas peças, Helene Weigel, com quem se casou em 1930 e os dois filhos frutos desse casamento, Stefan e Barbara.

### **3.1 No segundo ano de minha fuga<sup>10</sup>**

Porém, por mais que tenha conseguido sair, Brecht, como mostra em seu poema “Im zweiten Jahre meiner Flucht” (No segundo ano da minha fuga), de 1935,

---

<sup>9</sup> “In the days after February, 1933, those who remained in Germany under Hitler, [...] fell victims to torture, imprisonment, and finally murder.” (Ewen (1969 p. 291, tradução nossa).

<sup>10</sup> Im zweiten Jahre meiner Flucht

ainda reflete sobre essa dicotomia dos que ficaram e dos que partiram, o que pode ser observado na reflexão trazida nos versos finais: “A sorte dos que fugiram não me pareceu pior do que as/ Dos que ficaram”<sup>11</sup> (BRECHT, 2019).

**No segundo ano de minha fuga**

Li num jornal de língua estrangeira  
 Que eu perdera a minha cidadania.  
 Não fiquei triste nem satisfeito  
 Ao ler o meu nome junto a muitos outros  
 Bons e ruins.  
 A sorte dos que fugiram não me pareceu pior do que a  
 Dos que ficaram.  
 (BRECHT, 2019, tradução de André Vallias)<sup>12</sup>

Escrito de maneira fluida - em decorrência dos *enjambements* -, como uma prosa, realçado pela ausência de rimas e métricas (esse estilo de escrita se repetirá nos outros dois poemas que serão analisados nesta monografia), o poema de apenas sete versos consegue retratar de maneira bastante palpável os sentimentos de Brecht durante o ano de 1935.

Além disso, o poema, mesmo que bastante curto, retrata um evento vivido em 8 de junho de 1935 — pouco mais de dois anos após a queima do *Reichstag* — e que seria experienciado por outros muitos artistas e intelectuais até 1938 (OCHABA, 2014). Brecht vê seu nome, ao lado de outros 40, na quarta lista de expatriados, ou seja, aqueles que perderam sua cidadania, publicada pelo Ministério do Interior do Terceiro Reich no jornal *Völkische Beobachter* (GESSAT, 2015). O autor, porém, lê esta lista em um jornal estrangeiro, como dito no poema, que se formos entender com um sentido literal, provavelmente trata-se da língua dinamarquesa, pois encontrava-se em seu exílio em Svendborg. Contudo, podemos entender essa “fremde Sprache” (língua/linguagem estrangeira) como o alemão falado pelos hitleristas, pessoas que ladravam palavras tão agressivas e distantes daquilo que

<sup>11</sup> “Das Los der Geflohenen schien mir nicht schlimmer als das/ Der Geliebtenen.”

<sup>12</sup> Im zweiten Jahre meiner Flucht Las ich in einer Zeitung, in fremder Sprache/ Daß ich meine Staatsbürgerschaft verloren hätte./ Ich war nicht traurig und nicht erfreut/ Als ich meinen Namen las neben vielen andern/ Guten und schlechten./ Das Los der Geflohenen schien mir nicht schlimmer als das/ Der Geliebtenen.

este eu-lírico entende pela língua de seu povo, que acabavam falando algo estrangeiro, algo que necessitava de tempo e esforço para entender.

Apesar de declarar que não se sentiu nem triste ou feliz ao ler a notícia (Não fiquei nem triste nem satisfeito/ Ao ler meu nome junto a muitos outros<sup>13</sup>), a perda da cidadania de sua pátria deve ser devastadora, ainda mais considerando que os alemães vêem sua pátria como sua *Heimat*, uma palavra de difícil tradução para outras línguas e que representa o lugar de origem e um sentimento de pertencimento muito além do nosso “pátria”.

No século XIX, o termo *Heimat* associava-se às posses de um indivíduo, a ser dono de uma terra, ou seja, além de tratar-se de um aspecto político, e não somente social. Todavia, a palavra expandiu seu significado para muito além disso, Wolfgang Theis (2012) tenta definir o conceito mais contemporâneo em seu ensaio *Heimat - um termo abstrato*:

Quando olhamos para nós mesmos, muitas vezes nos vemos em um determinado cenário, em um lugar que chamamos de “lar”, onde normalmente nos sentimos bem-vindos e onde encontramos nossa própria natureza como indivíduos. Isto é o que os falantes de alemão chamam de “Heimat”. O termo parece ter um sentido muito particular; muitas outras línguas não têm nenhum termo equivalente, nem uma tradução exata que expresse o significado exato da palavra. (THEIS, 2012, p. 1)

Ou seja, *Heimat* é muito além do lugar onde um ser humano nasce, é o sentimento de pertencimento a um local, uma cultura e as pessoas que ali vivem. Brecht, enquanto cidadão e poeta alemão, é retirado completamente de sua *Heimat* ao se exilar. Ele perdeu o contato com seu país, com muitos de seus amigos e principalmente, com o público para quem escrevia. Konder (1996) resume essa situação de perda vivida pelos poetas exilados:

Muitos escritores alemães passaram pelo dissabor de morar como trãnsfugas em países estrangeiros: foram obrigados a depender de favores [...]. Ficaram na dependência de tradutores que nem sempre eram suficientemente confiáveis. Eram compelidos a se dirigir a um público com o qual não tinham intimidade, a leitores que tinham outros hábitos, outras inclinações, outro quadro de referências. (p. 13)

Entretanto, ao afirmar que não ficou nem triste, nem satisfeito com essa expatriação, Brecht apresenta a possibilidade interpretativa de que essa perda da

---

<sup>13</sup> Ich war nicht traurig und nicht erfreut/ Als ich meinen Namen las neben vielen andern

*Staatsbürgerschaft* (cidadania) seja apenas mais uma formalidade que, naquele momento, nem lhe importava mais. A *Staatsbürgerschaft* trata-se não apenas da documentação que reconhece alguém como cidadão de determinado país, como também é o que qualifica o indivíduo a participar da vida política deste mesmo território.

Brecht, assim como todos os outros exilados, jamais deixaria de se sentir alemão, com ou sem a documentação que comprovasse, e naquele momento político, será que ser reconhecido como um cidadão por Hitler era realmente algo benéfico? Ser desconsiderado como tal não seria ser visto como a oposição que ele afirmava ser? Ademais, participar na política da Alemanha era algo impossível de ser feito na atual conjuntura do país, então será que havia algum uso para a cidadania alemã?

A Alemanha como a *Heimat* antes conhecida não existia mais, estava tomada por um regime fascista, antissemitista e desumano, então talvez o sentimento neutro venha desse conflito interno de não ser mais reconhecido como cidadão do país que ama, mas ao mesmo tempo refletir sobre a importância de ser um cidadão aos olhos das figuras de poder.

Essa necessidade de afastar-se da Alemanha nos leva à escolha da última palavra do título do poema: *Flucht*, ou fuga, em português. Brecht poderia ter usado o substantivo *der Exil* (exílio), que é como é chamado esse período de 15 anos que ele e sua família passaram fora da Alemanha. Entretanto, não é esse o termo escolhido, pois como dito anteriormente, exílio trata-se não só da expatriação forçada, mas também daquela feita deliberadamente, o que é o extremo oposto daquilo feito pelos escritores alemães. A palavra é inclusive retomada em seu famoso poema “Über die Bezeichnung Emigranten” (Sobre a designação de emigrantes) de 1937, porém em forma de verbo “*flohen*” (fugimos).

Para mais, “fuga” se relaciona diretamente com o verbo “fugir”, que semanticamente, implica a existência de um ser, ou uma situação perigosa da qual se foge, e dentro do contexto de concepção do poema, não haveria palavra mais adequada que “fuga” para definir a situação de Brecht.

O poeta não fugiu apenas uma vez, como estava em constante “estado de fuga”, seu primeiro destino foi Praga e:

De Praga seguiu para Viena. Advertido do perigo nazista na Áustria, foi

para Zurich, onde encontrou [os escritores] Anna Seghers, Hering Mann, Walter Benjamin e o ex-redator da revista *Die Linkskurve*, que o levou a passar alguns dias em Carone, perto de Lugano. Não conseguiu legalizar seus papéis na Suíça e partiu para a França. Depois de alguns dias em Sanary-sur-mer, no Midi, seguiu para Paris. (PEIXOTO, 1974, p. 154) [grifo do autor]

Fuga, então, passa a ser a única palavra adequada para se referir a essa condição, pois pouco podia-se descansar, mantendo-se sempre em constante estado de vigília sobre o lugar em que se estava instalado. Qualquer pequeno sinal de repressão e expansão nazista exigia uma nova realocação, seja para uma nova cidade ou um novo país. B.B vivia como um fugitivo, sem documentações e temendo que o adversário o alcançasse.

Foram ao todo quinze anos de fuga, Brecht e sua família seguiam de uma cidade a outra, nas palavras do próprio autor: “trocando de países mais do que de sapatos” (BRECHT, 2019). Instalaram-se por mais tempo apenas em Svendborg. O crescimento e empoderamento do nazismo que os fez sair de sua *Heimat*, nunca deixou de os perseguir.

Apesar de trágica, deixar a Alemanha foi uma escolha de B.B., assim como de seu amigo Walter Benjamin e do autor Thomas Mann; já outros escritores, como Walter von Molo e Frank Thiess optaram por ficar em sua pátria e exercer o chamado “exílio interno”, termo que Thiess alega ter criado para se referir a uma resistência passiva executada por aqueles que não se exilaram. (RITCHIE, 1983, p. 111) Essa passividade, entretanto, foi deveras mal vista pelos exilados, especialmente nos primeiros anos após os nazistas ascenderem ao poder, pois ainda havia uma crença de que seria possível uma resistência mais ativa a eles.

Muitos dos que ficaram, prosseguiram a produzir e publicar literatura em revistas literárias e jornais como *Neue Rundschau*, *Hochland* e *Frankfurter Zeitung*, que apesar de todas as censuras e proibições nazistas, ainda continham denúncias nas entrelinhas. (RITCHIE, 1983, p. 117) Mas ao fim da guerra, essas pequenas denúncias não satisfizeram autores como Thomas Mann, que respondeu a provocações feitas por Walter von Molo com uma carta contendo a seguinte afirmação polêmica:

Pode ser uma crença supersticiosa, mas a meu ver, quaisquer livros que

pudessem ser impressos na Alemanha entre 1933-1945 são mais que inúteis e não são objetos que alguém deseja tocar. Um fedor de sangue e vergonha está fixado neles. Todos eles devem ser destruídos. (MANN, 1945 apud. RITCHIE, 1983, p.115, tradução nossa)<sup>14</sup>

Para Mann, aqueles que permaneceram na Alemanha, foram consumidos pelo silêncio causado pelo medo, e para ele, calar-se era o mesmo que consentir – como dita o provérbio popular – com as atrocidades sendo feitas com a sua classe. Em seu ensaio *A transformação do silêncio em linguagem e ação*, Audre Lorde (2019) discorre sobre o quão nocivo e cruel é o silêncio:

Ao tomar uma obrigatória e fundamental consciência da minha mortalidade, e do que eu desejava e queria para a minha vida, por mais curta que ela pudesse ser, prioridades e omissões ganharam relevância sob uma luz impiedosa, e o que mais me trouxe arrependimento foram os meus silêncios. Do que é que eu tinha medo? Eu temia que questionar ou me manifestar de acordo com as minhas crenças resultasse em dor ou morte. Mas todas somos feridas de tantas maneiras, o tempo todo, e a dor ou se modifica ou passa. A morte, por outro lado, é o silêncio definitivo. (LORDE, 2019)

Essa afirmação pode ser relacionada a partir da retomada dos dois últimos versos do poema brechtiano: “A sorte dos que fugiram não me pareceu pior do que a/ Dos que ficaram”. Pois por um lado, aqueles que partiram abriram mão de seu país, de seu público, e de sua *Heimat*, mas mantiveram sua liberdade de escrita, enquanto aqueles que ficaram, puderam manter-se na Alemanha, mas foram obrigados a conviver com um regime cruel, condicionar a publicação das suas obras a versões censuradas e adaptadas e carregar o fardo do silêncio e do medo.

### 3.2 A queima de Livros<sup>15</sup>

A censura de obras pelo regime nazista não foi uma novidade para a sociedade alemã, visto que em 1932, ainda antes de chegarem ao poder, os

---

<sup>14</sup> “It may be superstitious belief, but in my eyes, any books which could be printed at all in Germany between 1933 and 1945 are worse than worthless and not objects one wishes to touch. A stench of blood and shame attaches to them. They should all be pulped.”

<sup>15</sup> Die Bücherverbrennung

nazistas publicaram no *Völkischer Beobachter* uma lista com autores que seriam banidos assim que eles acendessem ao poder.

Essas listas continuaram a ser feitas durante os anos que antecederam a II Guerra Mundial, inicialmente eram vinculadas apenas entre determinados filiados do partido e organizações estudantis, mas pouco tempo depois foram expostas para toda a população. As listas iniciais continham apenas 12 autores, todavia, o total passou para 131, os quais eram organizados em categorias. O nome de Bertolt Brecht estava sob o título de "comunistas" (HILL, 2001, p. 12-13), apesar do poeta nunca ter se declarado como tal.

Entretanto, essa censura foi muito além de apenas banir a circulação de determinados livros ou autores; verdadeiros espetáculos de queimas públicas de livros foram organizados e realizados pelos seguidores de Hitler.

Desde março de 1933 queimas e saqueamentos de bibliotecas estavam sendo realizadas por toda a Alemanha, contudo,

Em 6 de abril de 1933, a Associação Nazista Estudantil Alemã divulgou nacionalmente um Ato conta o Espírito Não Germânico a qual daria início às queimas de livros considerados inimigos do *volk* (povo alemão). (BRASIL, 2019, p. 41)

De todas as queimas, a mais simbólica foi a de 10 de maio de 1933, na *Opernplatz* de Frankfurt. Conhecida como “A grande queima de 1933” e assim como as outras, foi feita por estudantes universitários da organização *Deutsche Studentenschaft* de maneira independente do governo, porém, o próprio Ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, esteve presente e discursou no evento (HILL, 2001, p. 13).

A *Opernplatz* transformou-se num espetáculo biblioclasta<sup>16</sup> com a chegada de estudantes portando tochas para atear fogo nas fogueiras montadas por bibliotecários, e de caminhões carregando incontáveis livros (POLASTRON, 2005 apud. BRASIL, 2019). Para a ocasião, uma *Feuersprüche* (provérbio de fogo) foi preparada, os estudantes gritavam características “perigosas” das obras e listavam

---

<sup>16</sup> Rebecca Knuth em seu livro *Burning books and liveling librarians* usa o termo *biblioclasm* (biblioclausto) para referir-se a "quando livros e bibliotecas são identificados por um grupo como prejudiciais a um objetivo ideológico" (2006, p.3, tradução nossa).



alguns autores enquanto atiravam os livros na fogueira (HILL, 2001, p. 13). O canto era algo como:

1. Contra a luta de classes e o materialismo. Pela comunidade nacional e por uma perspectiva idealista. Marx, Kautsky.
2. Contra a decadência e a dissolução moral. Pela disciplina e pela moralidade na família e no Estado. H. Mann, Ernst Glaeser, E. Kästner.
3. Contra o cinismo e a perfídia política. Pela devoção ao povo e ao Estado. F.W. Förster.
4. Contra a degradante exageração da natureza animal do homem. Pela nobreza da alma humana. Escola freudiana. Jornal Imago.
5. Contra a falsificação de nossa história e a difamação de suas grandes figuras. Pelo deslumbramento diante de nosso passado. Emil Ludwig, Werner Hegemann.
6. Contra o jornalismo alienígena de cunho judaico-democrático. Pela participação responsável na obra de reconstrução nacional. Theodor Wolff, Georg Bernhard.
7. Contra a traição literária dos soldados da Guerra Mundial. Para educar a nação no espírito da prontidão militar. E. M. Remarque.
8. Contra a poluição opiniática da língua alemã. Pela preservação do bem mais precioso de nossa nação. Alfred Kerr.
9. Contra a arrogância e a presunção. Pela veneração e respeito ao imortal espírito nacional alemão. Tucholsky, Ossietsky. (BATTLES, 2003, p.166 apud BRASIL, 2019)

Dentro desse contexto, Brecht compõe seu poema “Die Bücherverbrennung”, que se encontra na quinta parte de *Svendborger Gedichte*, intitulada *Deutsche Satiren* (Sátiras alemãs).

#### **A queima de livros**

Quando o regime ordenou que todos os livros  
Com informação nociva fossem queimados, e por  
toda Parte forçaram bois a puxar carroças com  
livros

Para a fogueira, um poeta escorraçado, um dos  
melhores Descobriu estarecido, examinando a lista  
dos Incinerados, que os seus haviam sido  
Esquecidos. Ele voou para a escrivantina  
Enfurecido, e escreveu uma carta aos donos do poder.  
Incinerem-me! escreveu com a pluma alada, incinerem-me!  
Não façam isso comigo! Não me deixem para trás! Porventura  
Não relatei sempre a verdade em meus livros? E eis  
Que agora vocês me tratam como um mentiroso! Eu ordeno:  
Incinerem-me!<sup>17</sup>  
(BRECHT, 2019, tradução de André Vallias)

“Die Büchervrebbrennung”, ou em português “*A queima de livros*”, de 1935, é o relato em terceira pessoa de um escritor cujos livros não estão sendo queimados, e muito provavelmente foi inspirada na carta *Verbrennt mich!* (Incinerem-me) de seu conterrâneo Oskar Maria Graf, publicada em maio de 1933 no jornal *Wiener Arbeiterzeitung* (KARL, [s.d]).

Graf, um grande crítico do partido nazista, descobriu que seus livros não só não estavam sendo queimados, como muitos dos títulos que havia escrito constavam na lista de livros liberados pelos nacional-socialistas, e em seu apelo diz:

E os representantes desse nacionalismo bárbaro, que não tem absolutamente nada a ver com ser alemão, ousam me reivindicar como um de seus "intelectuais", para me colocar em sua chamada "lista branca", que é apenas perante a consciência do mundo uma lista negra pode ser!  
(GRAF, 1933, tradução nossa)<sup>18</sup>

Indignado com tamanha desonra que seu nome carregava, ele exige que

---

<sup>17</sup> Die Bücherverbrennung

Als das Regime befahl, Bücher mit schädlichem Wissen/ Öffentlich zu verbrennen, und allenthalben/ Ochsengezwungen wurden, Karren mit Büchern/ Zu den Scheiterhaufen zu ziehen, entdeckte/ Ein verjagter Dichter, einer der besten, die Liste der/ Verbrannten studierend, entsetzt, daß seine/ Bücher vergessen waren. Er eilte zum Schreibtisch/ Zornbeflügelt, und schrieb einen Brief an die Machthaber./ Verbrennt mich! schrieb er mit fliegender Feder, verbrennt mich!/ Tut mir das nicht an! Laßt mich nicht übrig! Habe ich nicht/ Immer die Wahrheit berichtet in meinen Büchern? Und jetzt/ Werd ich von euch wie ein Lügner behandelt! Ich befehle euch:/ Verbrennt mich!

<sup>18</sup> Und die Vertreter dieses barbarischen Nationalismus, der mit Deutschsein nichts, aber auch rein gar nichts zu tun hat, unterstehen sich, mich als einen ihrer "Geistigen" zu beanspruchen, mich auf ihre so genannte "weiße Liste" zu setzen, die vor dem Weltgewissen nur eine schwarze Liste sein kann!

Durante o processo de escolhas tradutórias, optamos pela utilização dos termos "lista branca" e "lista negra" na tradução, pois são os termos utilizados tanto pelo autor no texto fonte, quanto pelos estudiosos desse período. Entretanto, reconhecemos e salientamos o processo de desuso de tais terminologias devido a carga pejorativa associada a questões étnico-raciais e sociais.

seus livros sejam queimados junto com as obras dos outros escritores de esquerda.

Em toda a minha vida e em todos os meus escritos, tenho o direito de exigir que meus livros sejam entregues à chama pura da pira e longe das mãos ensanguentadas e mentes corrompidas da gangue de assassinos marrons. Queime as obras do espírito alemão! Ele mesmo será indelével como sua vergonha! (GRAF, 1933, tradução nossa)<sup>19</sup>

O poema em prosa brechtiano relata em apenas uma estrofe algo muito semelhante ao ocorrido com Oskar Maria Graf, porém, ao contrário do poeta do poema, Graf não foi esquecido (antes tivesse sido), ele foi lido como um aliado, alguém cujos ideais eram semelhantes aos dos nazistas. Porém, é possível ver a relação com o apelo de Graf ao ler os clamores que o poeta faz durante o texto: “Incinerem-me!”<sup>20</sup>, mesmo título do texto publicado nos jornais.

Mas para além de estar entoando o canto de Graf por meio desse poema, Brecht pode estar sugerindo uma tomada de consciência de classe por parte dos poetas que optaram por silenciar-se, porém sem atacá-los diretamente, como fez Thomas Mann (1933) em sua provocação, mas sim trazendo um exemplo de quem preferia torna-se alvo do regime a ser visto como um conivente.

A personagem do poema implora para que as autoridades reconheçam sua trajetória como artista, que vejam que em momento algum ele calou-se frente a tudo que estava acontecendo nos últimos tempos, ele diz: “Não relatei sempre a verdade em meus livros? E eis/ Que agora vocês me tratam como um mentiroso!”. Ou seja, reconheça que sempre fui verdadeiro àquilo que acredito.

Mais uma vez Audre (2019) explica o sentimento relatado em um poema brechtiano: “Porque a máquina vai tentar nos reduzir a pó de qualquer maneira, quer falemos, quer não.” Os alemães já estavam sendo afetados de maneiras inimagináveis por esse governo, tanto os que se mantiveram na Alemanha, quanto os que se exilaram, então, o poema reforça o sentimento partilhado por muitos que resistiram: antes morrêssemos lutando que corroborando com aqueles que querem nos destruir.

---

<sup>19</sup> Nach meinem ganzen Leben und nach meinem ganzen Schreiben habe ich das Recht, zu verlangen, dass meine Bücher der reinen Flamme des Scheiterhaufens überantwortet werden und nicht in die blutigen Hände und die verdorbenen Hirne der braunen Mordbande gelangen. Verbrennt die Werke des deutschen Geistes! Er selber wird unauslöschlich sein wie eure Schmach!

<sup>20</sup> Verbrennt mich!

Brecht, aliás, em seu poema “Sobre a designação de emigrantes” (1937), — que abre a sexta e última sessão dos *Poemas de Svendborg* — traz à tona outro aspecto em que o regime nazista afetava a vida dos exilados: o fardo da vergonha de sua pátria.

### 3.2 Sobre a designação de emigrantes<sup>21</sup>

Com os versos “Cada um de nós/ Que caminha com sapatos rotos por entre a multidão/ Dá testemunho da vergonha que agora enxovalha a nossa terra.” B.B. trata da vergonha de ter que se exilar em um país estrangeiro, pois o seu próprio não o acolhe mais. Esse constrangimento provavelmente não era oriundo dos comportamentos alheios, mas da percepção de si próprio, do entendimento do porque havia a necessidade de estar ali, e não em sua casa.

Além disso, ele reitera a noção de *Heimat* ao dizer que o país em que os emigrantes dessa época se instalaram não eram os de sua escolha, mas sim, aquele que os acolhia. Para os exilados que estavam em fuga constante, não havia tempo para transformar aquelas terras estrangeiras em um lar, mas como dito anteriormente, nem a Alemanha mais era um lar para eles.

#### **Sobre a designação de emigrantes**

Sempre achei errado o nome que nos deram: emigrantes.  
 Isso quer dizer retirantes. Mas nós  
 Não nos retiramos por livre decisão  
 Escolhendo um outro país. Tampouco nos retiramos  
 Para um país a fim de ali ficar, quem sabe para sempre.  
 Mas fugimos. Fomos expulsos, expatriados.  
 E não um lar, um exílio há de ser o país que nos acolhe.  
 Quedamos inquietos, o mais próximo possível da fronteira  
 Esperando o dia do regresso, observando a menor  
 Mudança no outro lado da fronteira, interrogando com ânsia  
 Cada recém chegado, não esquecendo nada, não entregando  
 Nada, não perdoando nada que se passou e nada perdoando.  
 Ah, não nos ilude o silêncio dos estreitos! Ouvimos os gritos  
 Que vêm dos campos de concentração. E não somos nós mesmos  
 Quase como rumores de crimes que escaparam através

---

<sup>21</sup> Über die Bezeichnung Emigranten

Da fronteira. Cada um de nós  
 Que caminha com sapatos rotos por entre a multidão  
 Dá testemunho da vergonha que agora enxovalha a nossa terra.  
 Mas nenhum de nós  
 Vai ficar aqui. A última palavra  
 Ainda não foi falada.<sup>22</sup>  
 (BRECHT, 2019, tradução de André Vallias)

Entretanto, a questão principal do poema é o termo utilizado para nomear essas pessoas, que aqui, por muitas vezes, chamamos de exilados, mas pela narrativa trazida pelo poema percebemos que naquele contexto, eles eram constantemente chamados de emigrantes. O autor, então, dentro do que podemos chamar de parte inicial do poema (versos de 1 a 7), nos traz argumentos do porque *Emigranten* (emigrantes) não seria a palavra mais adequada para as pessoas em situação semelhante a de Brecht.

Logo no primeiro verso nota-se que o poema parte de uma personalidade, retratando a opinião deste eu-lírico, utilizando-se do pronome na primeira pessoa do singular, mas que é mencionado apenas uma vez (KNOPF, 2001, p. 295). A partir do terceiro verso vemos a mudança desse sujeito para a primeira pessoa do plural “*wir*” (nós), mostrando que não apenas o eu-lírico se identifica como parte desse grupo, como também evocando a ideia de um sentimento semelhante entre todos aqueles que se encontravam na mesma situação.

Ainda nos versos iniciais, o eu-lírico nos apresenta com a forma que ele entende o termo *Emigrant* (emigrante), que ele inclusive o coloca como sinônimo de *Auswanderer* (retirantes, na versão em português), e argumenta que os exilados são *Vertriebene*, *Verbannten* (expulsos, expatriados), palavras que, de acordo com ele,

---

<sup>22</sup> Immer fand ich den Namen falsch, den man uns gab: Emigranten./ Das heißt doch Auswanderer. Aber wir/ Wanderten doch nicht aus, nach freiem Entschluß/ Wählend ein anderes Land. Wanderten wir doch auch nicht/ Ein in ein Land, dort zu bleiben, womöglich für immer./ Sondern wir flohen. Vertriebene sind wir, Verbannte./ Und kein Heim, ein Exil soll das Land sein, das uns da aufnahm./ Unruhig sitzen wir so, möglichst nahe den Grenzen/ Wartend des Tags der Rückkehr, jede kleinste Veränderung/ Jenseits der Grenze beobachtend, jeden Ankömmling/ Eifrig befragend, nichts vergessend und nichts aufgebend/ Und auch verzeihend nichts, was geschah, nichts verzeihend./ Ach, die Stille der Sunde täuscht uns nicht! Wir hören die Schreie/ Aus ihren Lagern bis hierher. Sind wir doch selber/ Fast wie Gerüchte von Untaten, die da entkamen/ Über die Grenzen. Jeder von uns/ Der mit zerrissenen Schuhn durch die Menge geht/ Zeugt von der Schande, die jetzt unser Land befleckt./ Aber keiner von uns/ Wird hier bleiben. Das letzte Wort/ Ist noch nicht gesprochen.

melhor refletiriam a situação vivida por aquele grupo de pessoas o qual fazia parte, pois elas denotam que a evasão de seu país de origem não foi deliberada.

Uma segunda seção do poema inicia-se no oitavo verso, onde estabelece-se uma relação entre os “emigrantes” e a Alemanha, e a partir deles somos capazes de localizar o período ao qual o poema se refere, pois ao dizer: “Quedamos inquietos, o mais próximo possível da fronteira/ Esperando o dia do regresso, observando a menor/ Mudança no outro lado da fronteira [...]”<sup>23</sup>, o poema nos remete a primeira fase do exílio chamada de “exílio na sala de espera”, definido por Kestler (2005), onde os exilados mantinham-se próximos às fronteiras alemãs esperando que se tratasse de um período breve. Ritchie (1983) diz que muitos sentiam como se estivessem apenas “de férias”, ou “se afastando enquanto os alemães retomavam seu juízo” (p. 191), mas, como vimos anteriormente, esse período iniciado em 1933 estendeu-se até 1945, e muitos nunca mais voltaram a residir na Alemanha.

Seja por quais fossem os motivos do afastamento definitivo, esses não chegaram a refletir as vontades de Brecht, o que é, inclusive, dito ao final do poema: “Mas nenhum de nós/ Vai ficar aqui. A última palavra/ Ainda não foi falada.”<sup>24</sup>, pois com o fim da Guerra, mesmo sendo barrado pelas autoridades americanas (B.B e sua família residiam nos EUA nesse momento) de entrar em Berlim, Brecht e sua família voam para a Suíça a fim de ficarem mais próximos da fronteira alemã e se estabelecem em Zurique, onde redigem um pedido solicitando a cidadania austríaca para enfim retornar a Alemanha.

H. W (Weigel) é austríaca de nascimento (vienense). Desde 1933 sou apátrida. No momento não existe um governo alemão. Será que ela pode obter um passaporte austríaco? E eu, sendo seu marido... Eu não posso ir morar numa parte da Alemanha e morrer para a outra parte... Os suíços estão começando a me criar dificuldades (BRECHT apud PEIXOTO, 1974, p. 258)

E, finalmente, em 1948, Brecht e sua família chegam à Berlim Oriental, que após a organização governamental da Alemanha, passaria a chamar-se República

---

<sup>23</sup> Unruhig sitzen wir so, möglichst nahe den Grenzen/ Wartend des Tags der Rückkehr, jede kleinste Veränderung/ Jenseits der Grenze beobachtend, [...]

<sup>24</sup> Aber keiner von uns/ Wird hier bleiben. Das letzte Wort/ Ist noch nicht gesprochen

Democrática Alemã (RDA) (PEIXOTO, 1974, p. 257).

Pouco tempo depois, em 1949, Brecht e Weigel fundam sua própria companhia de teatro, o *Berliner Ensemble*, a qual, a princípio, se estabeleceu no *Deutsches Theater* (PEIXOTO, 1974, p. 258). Além do desafio de reconstituir um repertório destruído e corrompido pelo regime nazista, o casal tinha como objetivo constuir um novo repertório que correspondesse com a nova sociedade alemã pós-guerra (EWEN, 1969, p. 445). O teatro produzido ali era, como esperado, extremamente político, leituras e discussões semanais de clássicos marxistas e leninistas eram realizadas nas salas de ensaios, as quais permaneciam abertas para que qualquer pessoa pudesse entrar.

Em 14 de agosto de 1956, Bertolt Brecht morre em decorrência de um enfarte no miocárdio e alguns dias depois é enterrado no cemitério *Dorothenfriedhof*, como era seu desejo.

O poeta, dramaturgo, diretor teatral, prosador, teórico, professor e ativista político produziu em 44 anos de atividade cerca de 2.300 poemas, 48 peças; 50 fragmentos dramáticos; 3 romances; 230 contos, roteiros e argumentos de filme; 6 coleções de narrativas e diálogos; mais de 800 páginas de diários e anotações autobiográficas; uma vasta correspondência e cerca de 1.200 artigos sobre teatro, literatura, música, rádio, fotografia, cinema, ciência, filosofia e política (VALLIAS, 2019). Embora tivesse acumulado diversos apostos durante sua vida, sua lápide carrega apenas uma inscrição: Brecht (PEIXOTO, 1974, p. 289).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vocês que emergirão da enchente  
 Em que nós soçobramos  
 Lembrem-se  
 Quando falarem das nossas fraquezas  
 Também do tempo sombrio  
 Do qual fugiram<sup>25</sup>  
 (BERTOLT BRECHT)

Esse trabalho se propôs a apresentar, através de uma pesquisa bibliográfica, a maneira como os poemas “Im zweiten Jahr meiner Flucht” (No segundo ano da minha fuga), “Die Bücherverbrennung” (A queima de livros) e “Über die Bezeichnung Emigranten” (Sobre a designação emigrante) de Bertolt Brecht são capazes de retratar o início da ditadura nazifascista na Alemanha e os reflexos dessa instauração para a classe artística alemã. Para isso, realizamos um estudo desse período histórico que foi marcado pela censura, manipulação e ocultação de informações, bem como pelo exílio daqueles considerados “anti-alemães”.

Ao revisitar os poemas aqui selecionados, um pequeno recorte das obras que compõem a Literatura de exílio, foi possível observar a ascensão, solidificação e reverberação do regime nazista sob a perspectiva de forte oposição de um cidadão e artista alemão que compreendia a importância de utilizar suas palavras como mecanismo de combate à propaganda nazista (mecanismo de difusão de ideais nazistas através dos meios artísticos e de comunicação em massa de grande persuasão como o cinema, literatura, rádio e jornais). Para além disso, Brecht via em seus textos uma maneira de expressar seus sentimentos e opiniões acerca dos terríveis acontecimentos que acometiam à Alemanha e todos àqueles que a viam como *Heimat*.

Devido a sua fragilidade física, os livros são sempre um dos primeiros alvos de ditaduras como forma de controlar o que pode ou não ser consumido, e não foi diferente com o regime nazista, então ao escrever sobre as mazelas do seu tempo, como as queimas de livros, torturas, expatriações e perseguições em massa, Brecht utilizava da mesma ferramenta apropriada pelo regime – a literatura – para realizar denúncias, instigar levantes e registrar na história os reais absurdos que ocorriam.

Aprofundar-se na história a partir dos poemas de B.B possibilita uma

---

<sup>25</sup> BRECHT, Bertolt. An die Nachgeborenen. In: \_\_\_\_\_. Poesia. Tradução: André Vallias. São Paulo: Perspectiva, 2019.



aproximação sensível das muitas vivências daquele período, seja proseando sobre a necessidade de fuga constante, a inquietação de não pertencer a lugar algum, a saudade de casa, as dores dos campos de concentração ou a luta dos compatriotas exilados e dos que ficaram.

A literatura é uma ferramenta essencial no estudo de determinado período, seja pela retratação de fatos ocorridos, seja pela possibilidade de entender os acontecimentos a partir dos olhos de quem os viveu. Os poemas de Brecht escritos durante os anos de 1933 e 1945 nos oferecem um mergulho profundo e pessoal nas reflexões, emoções e perspectivas de quem viveu uma época que, para nós, apresenta-se muitas vezes apenas como relatos em livros de história

Ademais, ao estudar um texto a partir de seu contexto histórico, podemos nos aproximar cada vez mais das palavras escritas, e relacioná-las com momentos atuais com maior facilidade, fazendo com que a literatura seja perene e atemporal.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 1, n. 3, p. 94-109, jun. 2010.
- BRASIL, Paula. **O Bibliocausto nazista**: A destruição de livros judaicos durante o Terceiro Reich. Orientadora: Marlise Maria Giovanaz. 2019. 80. TCC (Graduação). Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- BRECHT, Bertolt. **Poesia**. Introdução e tradução de André Vallias. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- EVANS, Richard J.. **A Chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.
- EWEN, Frederic. **Bertolt Brecht**: his life, his art and his times. New York: Citadel Press, 1969.
- GESSAT, Rachel. 1936: Thomas Mann é expatriado. **Deutsche Welle**. 2 de nov. de 2015. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1936-thomas-mann-%C3%A9-expatriado/a-340994?maca=bra-folha-calendario-300-rdf>. Acesso em: 11 de jun. de 2023.
- HILL, Leonidas. The Nazi Attack on 'Un-German' Literature, 1933–1945. In: ROSE, Jonathan. **The Holocaust and the Book**: Destruction and Preservation. Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.
- KARL, Michaela. "Verbrennt mich" - Oskar Maria Graf. Literaturportal Bayern, München. [s.d]. Disponível em: <https://www.literaturportalbayern.de/component/lpbthemes/?task=lpbtheme.default&id=649&highlight=WyJ2ZXJicmVubnQiLCJtaWNoliwiJ21pY2giLCJ2ZXJicmVubnQgbWljaCJd>. Acesso em: 20 de maio de 2023.
- KESTLER, Izabela. A literatura alemã e o período do exílio (1933-1945): A produção literária, a experiência do exílio e a presença dos exilados de fala alemã no Brasil. **Itinerários**, Araraquara. n.23, p. 115-135, 2005.
- KNOPF, Jan. **Brecht Handbuch**: Gedichte. Stuttgart: Verlag J. B. Metzler, 2001.
- KNUTH, Rebecca. **Burning books and leveling libraries**: extremist violence and cultural destruction. Wesport: Praeger Publishers, 2006.
- KNUTH, Rebecca. **Libricide**: the regime-sponsored destruction of books and

libraries in the twentieth century. Wesport: Praeger Publishers, 2003.

KONDER, Leandro. **A poesia de Brecht e a história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LORDE, Audre. Transformando o silêncio em linguagem e ação. In: \_\_\_\_\_. **Irmã Outsider**. 1a Ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2019.

OCHABA, Sabine. 1935: Hitler cassa cidadania de escritores e oposicionistas. **Deutsche Welle**. 8 de jun. de 2014. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1935-nazistas-cassam-cidadania-alem%C3%A3-de-escritores-e-oposicionistas/a-571477>. Acesso em: 7 de maio de 2023.

PEIXOTO, Fernando. **Brecht Vida e Obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

POLASTRON, Lucien X. **Books on fire: the destruction of libraries throughout History**. Rochester: Inner Traditions, 2007.

RITCHIE, J. M. **German Literature under National Socialism**. New Jersey: Barnes and Noble Books, 1983.

SCHOLTZ, Kay-Alexander. "Heimat" e seus vários significados. **Deutsche Welle**. 14 de fev. de 2018. Sociedade. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/heimat-e-seus-v%C3%A1rios-significados/a-42590724>. Acesso em: 4 de maio de 2023.

THEIS, Wolfgang. Heimat – um termo abstrato. **Primus Vitam**, São Paulo. n.4, 2012.

VALLIAS, André. Introdução. In: BRECHT, Bertolt. **Poesia**, São Paulo: Perspectiva, 2019.